

Alunos de Oxford escrevem mal, revela estudo

Estudantes da conceituada universidade britânica cometem muitos erros de grafia

LEONARDO TREVISAN

Especial para o Estado

LONDRES – Uma pesquisa realizada em Oxford mostrou que os alunos de graduação da mais famosa universidade britânica escrevem “muito mal”, com “repetitivos erros de ortografia”. Bernard Richards, professor de Língua e Literatura Inglesa e responsável pela pesquisa, é bastante cético. Segundo ele, o estudo encerra a fase de “complacência e de autocongratulação” em relação aos alunos da universidade. A pesquisa foi divulgada na *Oxford Magazine*, publicação com estudos e ensaios de professores da instituição.

Richards diz não estar preocupado com “absurdos” cometidos por um ou outro aluno em particular. Mas considera grave a incidência dos mesmos erros entre a maioria dos estudantes da graduação. Em mais da metade dos trabalhos de seus alunos do primeiro período de 1996, por exemplo, o vocábulo abreviado “doesn’t” foi escrito “dosen’t”. O professor selecionou 12

palavras comuns, de uso quase obrigatório nos trabalhos dos estudantes de sua disciplina, e calculou a porcentagem em que foram escritas com graves erros de ortografia.

Em mais de dois terços do material produzido, a palavra “accelerating” foi escrita “exceleriting”. Em 44% dos textos, “ridiculous” foi escrita incorretamente com a letra “e”, “rediculous”.

O editor da *Oxford Magazine*, professor Jim Reed, apoiou o artigo de Richards. Ele concorda com suas conclusões e afirma que houve um “arrefecimento na vigilância do idioma”, o que é um claro indício da queda do nível de ensino na universidade. Reeds reconhece que “as pessoas já não são mais ensinadas como ocorria há 20 anos”. Nessa linha,

a ortografia “não é mais prioridade nas escolas”. Na sua opinião, esse é o tipo de problema para ser “idealmente” resolvido na escola básica.

Avaliação tardia – Em janeiro, uma comissão independente nomeada pelo governo considerou que Oxford precisa de uma reforma radical, caso pretenda preservar seu lugar entre as melhores universidades do mundo. O presidente da comissão e ex-reitor, Peter North, avalia que Oxford sofre problemas decorrentes da tradição de avaliar realmente seus alunos apenas na conclusão do curso, em exame final rigoroso – os exames anuais de cada disciplina não contam no resultado final.

Representantes do Departamento de Educação e do Emprego, responsável por todo o sistema educacional britânico, reconhecem que a tradição de “empurar o problema para cima” também ocorre na escola básica. No Reino Unido, até os 16 anos o aluno acompanha a série compatível com sua idade, independentemente de seu desempenho. No último ano é submetido a um exame nacional. A obtenção de conceito A nesse exame permite a matrícula na universidade.

Profissionais do Serviço de Admissão em Universidades e Faculdades, órgão público responsável pelas matrículas nos cursos de graduação, estão, no entanto, surpresos com o constante crescimento do número de alunos bem classificados nos últimos anos. Em agosto, foram concedidos 190.335 conceitos A, o que representa 33.250 notas máximas a mais do que no mesmo período de 1996.

David Blunket, secretário do Departamento de Educação e Emprego, concorda com a necessidade de se avaliar “mais e antes” os estudantes, propondo exames aos 7, 11 e 14 anos de idade. Um teste piloto com alunos de 9 anos revelou que 61% deles alcançaram os padrões exigidos em leitura da língua inglesa, 56% em escrita e apenas 51% em ortografia.

**ORTOGRAFIA
NÃO É
MAIS
PRIORIDADE
NAS ESCOLAS,
OBSERVA
PROFESSOR**